

Ana Isabel Duarte
Jornalista
ad@briefing.pt



O grito do Ipiranga

Escolher Direito representou para Andreia Guerreiro um ato de independência. O gosto pela argumentação e a vontade de dar a conhecer os diversos pontos de vista sobre um determinado tema foram características que desde muito cedo a definiram, por isso considera que encontrou na advocacia a profissional ideal.



Enveredar pelos “caminhos” da advocacia representou para Andreia Guerreiro um ato de independência, um “grito de Ipiranga”, já que desde muito cedo gostou de afirmar a sua autonomia e independência. Aos 38 anos, tem a certeza que tomou a melhor opção. Adora o que faz – nem se imagina a fazer outra coisa – e detém uma carreira sólida na Moraes Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados (MLGTS). Sente-se realizada tanto a nível

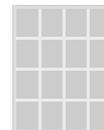
pessoal como profissional, pois consegue juntar o melhor dos dois mundos – uma família que adora e uma profissão que lhe “enche as medidas”.

Mas a decisão de entrar no mundo do Direito deu-se por fases. Desde muito nova, Andreia sempre preferiu fazer tudo sozinha e sem ninguém a intrometer-se. Já nessa altura se destacava o gosto pela argumentação pois nunca deixava de defender as suas ideias ou pontos de vista. “Sempre achei

“Fez o estágio na Osório de Castro, Verde Pinho e Vieira Peres Advogados, onde teve o primeiro impacto com a profissão. Confessa que a primeira impressão que teve foi que a realidade era bastante diferente da faculdade”

que existem várias versões da mesma realidade, tantas quanto as perspectivas de cada pessoa que a vive. A verdade é subjetiva e pode ser contada de várias maneiras”, defende.

O gosto por descrever e contar histórias levou-a a ponderar ser jornalista. Conta, inclusive, que colecionava a “Grande Reportagem”, enquanto sonhava poder escrever reportagens como as que lia. “Ser uma repórter e viajar para aqueles sítios que via na revista,



fazer a investigação, mesmo com os inerentes riscos. Tudo isso me fascinava”, recorda. Mas o sonho acabou por cair por terra... e surgiu a advocacia.

Entrou no curso de Direito na Universidade de Lisboa. Recorda essa época com algum saudosismo. Logo nos primeiros tempos teve a certeza que Direito tinha sido a escolha acertada. Na faculdade encontrou-se com vários docentes que acabaram por vir a tornar-se colegas de profissão, como Helena Tapp Barroso e Rui Patrício. Mas dessa época guarda principalmente as amizades que fez e que duram até hoje.

Durante a faculdade, Andreia conciliava as aulas, as viagens diárias para a zona de Sintra – onde vivia – com explicações a alunos do secundário e voluntariado social. “Recordo-me de pensar que achava que andava demasiado ocupada para tudo. Agora olho para trás e rio-me. Tudo é relativo”, reconhece.

Quando terminou a licenciatura optou pela advocacia, pois no universo das profissões jurídicas considerou que era a que lhe iria permitir fazer o que gostava – defender pontos de vista. “Tenho uma verdadeira paixão pelo que faço. Hoje, passados todos estes anos, sinto-me uma privilegiada, por exercer a profissão de que tanto gosto, numa sociedade de advogados que tanto admiro e cujos princípios partilho”, afirma.

Fez o estágio na Osório de Castro, Verde Pinho e Vieira Peres Advogados, onde teve o primeiro impacto com a profissão. Confessa que a primeira impressão que teve foi que a realidade era bastante diferente da faculdade, mas na verdade isso até foi algo que lhe agradou.

Sempre foi uma pessoa bastante pragmática e colocar em prática o que tinha aprendido deixava-a bastante entusiasmada. Durante o estágio beneficiou de uma experiência multifacetada e polivalente. A sociedade – originária do Porto – tinha aberto há pouco tempo o escritório em Lisboa, por isso contava unicamente com dois advogados. Era necessário fazer um

“Para a advogada, um dos principais encantos da profissão é que cada dia é diferente. Os temas são diversos, as pessoas, as situações. A rotina nunca se instala.”

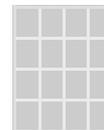
pouco de tudo, o que lhe permitiu experimentar várias áreas de prática e deu-lhe um à vontade nas mais diversas situações. Francisco Cortez e Helena Tapp Barroso foram os principais mentores da advogada. Com o primeiro aprendeu fazendo e repetindo. Por sua vez, com Helena Tapp Barroso – patrona de Andreia durante o estágio e também ex-professora – aprendeu através da explicação, da discussão e da troca de ideias. Durante o estágio aprendeu coisas que lhe têm sido essenciais ao longo dos anos para o desempenho da profissão. “Lembro-me de ter ficado deslumbrada com os assuntos para tratar e com o impacto que a nossa atividade tem na vida dos clientes. Nessa medida, senti também a responsabilidade inerente a esta profissão. A nossa prestação pode ser a vida ou o decesso – em sentido figurativo, é claro – de uma pessoa, de uma empresa”, defende.

Ainda hoje se recorda da estreia numa sala de audiências e de sentir que todos se apercebiam da sua insegurança. Tem inclusive uma história engraçada – da primeira vez que entrou no tribunal, o funcionário disse-lhe: “Oh doutora, cá a encontro outra vez, tem vindo muitas vezes a este tribunal”. Andreia não o corrigiu, na verdade foram essas palavras que lhe deram confiança para avançar. Para a advogada, um dos principais encantos da profissão é que cada dia é diferente. Os temas são diversos, as pessoas, as situações. A rotina nunca se instala. Sublinha, além disso, o constante ritmo de aprendizagem, pois para



“Sempre achei que existem várias versões da mesma realidade, tantas quanto as perspetivas de cada pessoa que a vive. A verdade é subjetiva e pode ser contada de várias maneiras”

cada processo, para cada tema é preciso aprender com os especialistas, para tentar tornar o advogado também um pouco “especialista” na matéria. “Como eu adoro aprender, esta vertente da advocacia encanta-me”, assevera. Sente-se uma privilegiada pois trabalha na área que mais lhe agrada: *litigator*, uma advogada de contencioso na área comercial, civil e arbitragem. A nível pessoal, é uma pessoa reservada e não gosta de conflitos, mas, profissionalmente,



adora ser *litigator*. Gosta da estratégia que um processo implica, do ambiente e da adrenalina de um julgamento.

Mas nem só de tribunais se compõe o dia-a-dia de Andreia... “Posso passar um dia no escritório a trabalhar, um dia numa sala de audiências em julgamento ou numa sala de reuniões. E em qualquer destas situações, tudo pode acontecer”, afirma. Defende que nesta profissão, por muito que os profissionais se preparem para um julgamento ou reunião, tudo pode acontecer, ainda que se tente antecipar todas as eventualidades, e é isso que considera mais estimulante. Conseguir lidar com as “surpresas” é, para a advogada, um estímulo e uma aventura.

Com toda esta adrenalina, é no conforto do lar e na companhia da família que procura descansar e aproveitar o tempo livre. Casada e mãe de um rapaz, sempre que pode organiza atividades em família e entre amigos. Desde exposições, idas ao cinema, teatro, até simples passeios.

**Profissionalmente,
adora ser *litigator*.
Gosta da estratégia
que um processo
implica, do ambiente
e da adrenalina de um
julgamento**

Mas existe outra paixão, para além do Direito, de que Andreia não abdica – viajar. Quando viaja sente que consegue relaxar e “desligar”, ainda que não totalmente, da azáfama do dia-a-dia e das exigências da profissão. Do seu “passaporte” constam já diversos destinos e recordações, desde os mais próximos como a Madeira ou a Alemanha, até locais mais longínquos como o México. Mas mais destinos existem na lista dos “must go”.

ADVOCACIA

Os desafios da profissão

Andreia Guerreiro considera que a advocacia encerra desafios que vão para além da tradicional solução do conhecimento das leis. Para a associada da MLGTS, hoje os advogados são constantemente desafiados a encontrarem soluções com resultados práticos e visíveis para os problemas dos clientes. “Não basta o mero cumprimento das formalidades legais ou obter aquilo que vulgarmente designamos como ‘uma sentença para emoldurar’. É preciso mudar realidades”, defende.

Para Andreia, é tarefa do advogado dar ao cliente uma solução que lhe permita ter o que necessita ou, pelo menos, o

mais próximo possível disso. Ao contrário do que se poderia pensar, a advocacia não se resume ao conhecimento das leis, assegura, defendendo que a profissão, atualmente, implica uma polivalência de capacidades. “É preciso saber das leis, perceber o negócio dos clientes, ser um pouco empresário, gestor, relações públicas”, explica.

Nesse sentido, Andreia acredita que, apesar de essencial, a formação académica não é suficiente. Hoje, é necessário apostar na formação avançada, assim como desenvolver interesses paralelos que forneçam aos profissionais alguma experiência de vida, acrescenta.